

# REVISTA MENSAL

DA

**SOCIEDADE**

## **PARTHENON LITTERARIO**

---

**2ª SÉRIE**

**2º ANNO — JULHO DE 1873 — N.º 7**

---

**PORTO ALEGRE**

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1873

REGISTERED

REGISTERED

REGISTERED

REGISTERED

REGISTERED

REGISTERED

REGISTERED

REGISTERED





DE FELIX DA CUNHA.

## FELIX DA CUNHA

---

« O direito divino d'este seculo é o talento. »

J. M. LATINO COELHO.

Para descrever a gerarchia da intelligencia, só a realza da intelligencia; devem estar ambas na mesma altura; devem ser duas aguias que se encontram e fitão-se com o mesmo olhar soberano. O merito e a excellencia de uma deve ser igual á valia e autoridade da outra.

Não é a penna titubante e mal aparada que ha de traçar condigna e fielmente a historia dos homens illustres, que conquistão um renome e glorificação a terra em que nascerão, como Felix da Cunha.

Não ha aqui, pois, nem uma biographia nem um biographo; não ha tão pouco uma noticia; é apenas mesquinho culto á memoria de um morto, que ainda vive no coração de todos.

A cruz, que ha oito annos se levanta sobre o leito funerario de Felix da Cunha, assignala o occaso de um astro que alvorecia no céu purissimo do Rio Grande.

Foi ali nas trevas da eternidade que elle sumio-se; foi ali que uma esperanza tornou-se em agra saudade, que uma gloria... Não, a gloria ali está ainda como uma sombra augusta do finado!

Felix da Cunha era uma d'essas creaturas predestinadas, em cuja frente a Eterna Sabedoria assella as grandiosas inspirações, os sublimes prodigios da razão.

Fazem-se sectarios de uma idéa ; combatem como apóstolos ; morrem como martyres.

Foi assim que elle cahio exanime na arena do combate, abraçado ao trophéo de suas convicções, envolto na luz siderea da liberdade.

Com as armas da penna e da palavra lutou, mas venceu ; lutou contra a ignorancia e o emperramento das velhas sociedades ; venceu, porque a doutrina que lhe manava dos labios na imprensa e na tribuna é o codigo das sociedades livres e conscientes de si : — a democracia conquista o futuro, porque é a aspiração do presente.

Comtudo, a liberdade perdeu em Felix da Cunha um extremado sacerdote, um apóstolo proeminente.

O seu talento notavel — exercia-o elle em beneficio de uma causa sacrosanta ; o seu patriotismo -- legitimara-o a authenticidade de suas crenças arraigadas.

Na imprensa periodica esgotou Felix da Cunha uma boa parte de sua vitalidade ; consumio-se n'essa elaboração incessante, mortificou-se nas longas vigílias, em que a fronte doentia e macilenta declinava para o leito das angustias e vicissitudes.

E' que o jornalismo para elle era um posto de honra, o altar de sua fé viva, o templo de sua religião sublime.

Como poeta Felix da Cunha teve momentos felizes ; sua imaginação incendida rasgando as espheras do ideal, convulsionava de entusiasmo, e as estrophes cahião-lhe dos labios como uma enfiada de perolas. A harpa do crente não podia deixar de cantar Deus e a liberdade : Deus que é a primeira palavra do poeta, como mãe a primeira linguagem da criança ; — liberdade um sentimento universal.

Em 21 de Fevereiro de 1865 entregou o inditoso rio-grandense sua grande alma ao Creador.

N'esse dia memoravel a patria guardou na arca santa da historia o nome de um de seus mais illustres filhos, e a liberdade ajoelhou-se diante de mais um tumulo precioso.

Para os triumphos de Felix da Cunha as coroas da posteridade !

H. RIBEIRO.

## PHANTASIA

E' noite... e a viração do outono tepida e suave espaneja-se por entre as cordas do alaúde das solidões, vibrando merencorios harpejos.

Debaixo da cupula celeste enlutada de sombras, tudo dorme...

A natureza adormeceu envolta no manto de velludo roxo do crepusculo vespertino com a fronte reclinada no — poente — sonhando uma nova aurora... e com ella repousa tambem a humanidade, cujo espirito cedeu vencido ao voluptuoso amplexo dos sentidos.

São horas mortas e o silencio de manso resvala pelos vastos plainos da immensidade sem que o pio de uma ave nocturna quebre a mudez que o povôa.

E eu sinto-me só em face da creação adormida, contemplando minha alma a velar no infinito das scismas.

Scismo... e minha fronte de moço curva-se humilde ante a phantazia, que ébria de devancios soffrega idealisa horisontes de novos mundos...

Vou deixal-a correr... Se tem as azas do genio de Colombo não serei eu que as cortarei... se tem a agilidade de Jacob que suba a escada da tradição biblica, com que em sonhos o patriarcha hebreu unio a terra ao céu...

Vai, minha imaginação, és livre... por norte da jornada

dou-te todas as minhas aspirações do futuro, por azas em teu arrojado vôo terás as primaveras festivas de minha mocidade.



Na quadra risonha da vida, quem não sentio a alma palpitante de anhelos prender-se a um d'esses ideaes que só nascem com o toque das alvoradas da juventude?

Quem com o peito repleto de crenças, não beijou com jubilo a primeira flôr symbolica da religião do amor?

Na estação dos risos e galas dos vinte annos, quem não sonhou a terra da promissão sob o mesmo céo roseo onde vive uma alma gemea da nossa?

Conta-nos o passado em suas traducções, que um dia o halito de uns labios femininos derão sensibilidade á materia marmorea da estatua de Pygmalião. . .

Não haverá um fundo de verdade, uma lei fatal da natureza, atravez da gaze poetica que envolve a mimosa fabula criada pela imaginação grega?

Se um lampejo de luz espanca com seu clarão a opacidade das trevas; se um raio do espirito suspende a decomposição da materia, porque negarem uma verdade philosophica pelo unico facto da fôrma achar-se revestida de ficções mythologicas?

Se no seio de uma Magdalena ainda pôde crescer e fructificar a flôr dos puros sentimentos, orvalhada pelo arrependimento, que é a primitiva estrella da remissão, porque descreer de encontrar um ideal sublime no coração de uma d'essas visões que passam por nós envoltas em brancas roupagens, arroubadas de perfumosos candores?

Não maldigo-te minha phantasia. . . vâ — e busca meu ideal de moço. . .



No vasto estadio da romagem da vida positiva, á luz de uma d'essas manhãs que só o estio sabe criar, encontrei o ideal do meus sonhos de poeta. . .

Perdõem-me a usurpação da palavra, aquelles que sentirem-se feridos em sua susceptibilidade. . .

Não sou poeta esgrimindo a palavra por meio do metro e alando nas regiões das aguias os arrosos da intelligencia, cujos



vãos forão fadados a circulo pequeno e limitado . . . sou poeta pelo coração — e não pelo genio.

Minha lyra é a minha mocidade, cujas cordas são a fé e as crenças desfeitas em harmonias ao toque do dever.

Taes são meus laureis . . . E agora que livre de censura posso continuar o trilhho encetado, quero que a penna resvale sobre o papel imprimindo o sentimento que o peito profusamente transborda.

Impedir o extravasar do seio entumecido por nobres aspirações é o mesmo que dizer ao curso da torrente impetuosa — pára! ao condor que rasga com o bater das azas os paramos infinitos — não vões! . . .

Não farei isso . . .

As nobres aspirações, quer filhas do individuo, quer de uma geração, não pôdem morrer no embryão, porque nascem embaladas pelas auras dos triumphos legitimos.

Tem uma missão na terra a cumprir e como o Ashaverus da legenda popular — caminha . . . e caminha sempre.

Não farei isso . . .

Todas as religiões são sagradas pela fé; se na fórma differem, no fundo identificão-se e amalgamão-se.

No Olympo do paganismo, nos sete paraizos de Mafoma e no evangelho escripto nas escarpas e quebradas do Golgotha, a fórma de cada doutrina varia de roupagens e atavios — no fundo a essencia é a mesma, — é nma, — é a unidade — é — Deus.

A flór de perfumes suaves não deve vegetar no ermo para morrer no deserto; deixem que eu a transporte para a veiga de esmeralda recendente de seiva e vitalidade . . . ahi não terá a calmaria que suffoca, e a lufada do vendaval que mata.



Rosa em botão descerrando as petalas aos beijos da primavera — ella — em face d'essa manhã esplendida e festiva, cra uma das manifestações de alliança e harmonia que prendia a humanidade ao Creador.

Foi assim que a vi pela primeira vez . . .

E como o peito de um artista arfa ante os primores da tela de um Raphael e os contornos delicados da obra-prima de um Canova, eu, ao vê-la, senti o sangue gallopár-me nas arterias com louca vehemencia, buscando em vão emmudecer suas ardentias no ninho do coração, lar protector da existencia physica, que até

então o mundo com suas paixões não tinha quebrado a serena paz que agasalhava.

Louca esperança a fluctuar a mercê das ondas n'um oceano de tempestade!...

Pobre coração!... Já não era o mesmo... todo tremulo ao doudo afago dos anseios, murmurava ébrio de amor: mocidade, mocidade!...

Dir-se-hia que o sangue percorria em sua marcha fatidico destino, viajante perdido que em alto mar assiste a tragedia luttuosa que traça com suas côres terriveis a pugna sobrehumana de dois elementos fataes que se chocão.

Um é o fogo que em ondas de fumo enrola em suas azas o fragil batel, outro é a agua do mar que não apaga o incendio, — alimenta-o.

Que fazer no meio do lutar insano?

Haverá espirito sem coração?

Não... Minha alma arroubada de crenças e aureolada de esperanças ajoelhou-se no caminho que seu pé de fada trillhou, e orou como o peregrino quando alcança as terras da romaria.

Julguei ter resolvido o problema da felicidade, encontrando no céo de meus sonhos uma realidade dourada, que adorei em longos extasis, como o filho da caravana dos dezertos da Lybia, quando ao longe desvenda o oasis querido, que aviva-lhe a sublime epopeia — da familia e da patria.

Desde então no templo de minha alma um sentimento desconhecido ergueu cultos a essa religião que se chama — amor.

Tu assim o quizeste, morena... tu foste o evangelho, e teu olhar o eloquente doutrinario que imprimio em meu coração os mandamentos de tua lei.

Tu assim o quizeste, morena...

APELLES P. A.

17 de Julho de 1873.

## MÃI DO OURO

### XIV

#### DESENGANO

Pouco distante da povoação, em uma baixada em que um plano se dilatava, ião-se fazer as carreiras no Arroio Grande.

Estavão ajustados dois pingos de encher olho.

Um era o invencível pangaré de Maneca Alarife, o famoso monarcha; o outro era o douradilho do Juca Guará.

Ambos os parceiros havião sido experimentados em cem carreiras. Em toda aquella redondeza não havia corredor que por alguns d'elles não houvesse ainda sido derrotado.

Tres priscos na cancha, em meia redea, a escarcear; meio corpo de luz ao contrario, muita vez sahindo-lhe na colla, — e no fim de duas quadras de tirão, o douradilho tinha tomado dianteira, e ligeiro como um raio, elle o primeiro, corcoveado na raia...

Decididamente não havia pingo por mais pintado, que lhe tomasse luz na corrida. Quanta carreira corria, quanto triumpho ganhava; quanto pleito se formava, quanto elle decidia com a soberania do vencedor: era parceiro aquerenciado na victoria.

Tinha por estes rincões do Piratiny desbancado todos os corredores.

O pangaré era o terror d'aquelle Jaguarão, em que o seu nome acatado como o de um rei, era a cada instante pronunciado como o do pingo dos pingos.

Quer de um, quer de outro, a fama avançava pelos pagos respectivos.

Dentro em pouco, desde as raias do Piratiny até as extremas de Jaguarão, se questionava sobre o douradilho e o pangaré. A sua fama rivalisava-se.

Os donos, esses tinham ciúme.

Elles com o seu renome se eclipsavão : o de um cavallo obumbrava o do outro. Tornava-se necessario uma decisão, porque passando sobre mil vencidos cara a cara se encontravão agora. Brão dois rivaes que tinham impreterivelmente de pechar-se.

Maneca Alarife insofrido abandonou o rancho em uma tarde quasi ao pôr do sol ; no dia seguinte mal rompião as barras do dia, já se tinha apeado á porta do Juca Guará.

Expôz-lhe o motivo de sua visita, e acabou desafiando-o para uma carreira entre os dois parrelheiros, a qual decidisse qual o mais corredor.

Juca Guará aceitou, e foi escolhido o plaino pouco distante da povoação do Arroio Grande.

Realisar-se-hião as carreiras na proxima lua.

A noticia d'este desafio em breve circulou por todo aquelle reconcevo e pôz o povo em alarma : fez-se o assumpto de todas as conversas.

Exultar as prendas d'este ou d'aquelle dos parrelheiros era obrigativo d'aquelles que se encontravão.

— Então, patricio, você por qual dos pingos tópa?

E as apostas se casavão.

Poucos dias antes do mercado, a varzea estava transformada em um acampamento ; a povoação como em dia de festa alguma, n'essa occasião regorgitava de gente.

As carretas de bois, a cuja sombra se abrigavão familias inteiras, se mesclavão com arranchamentos provisorios aqui, acolá, mais além armados.

Povo de todas as partes occorria.

As vendas magras, mal sortidas que pela nossa campanha abundão, erão o centro de reunião.

O ruido n'ellas era interminavel : noite e dia soava ali a vozeria alegre da gaúchada. A' noite um tocador de viola trepado sobre o balcão e preguiçosamente recostado á parede, fazia gemer as cordas do instrumento predilecto. Um cantor acompanhava as

notas monotonas garganteando uma rude canção da patria e não poucas vezes um fadista alcoolizado sapateava com phrenesi.

O populacho todo recostava-se sobre o balcão.

De contente o vendeiro esfregava as mãos. Era um nunca acabar, — a encher para serem esvaziados os copos da *canha*.

No dia em que ião ser corridas as carreiras parou no centro d'esse acampamento de povo uma carroça aberta. D'ella saltou uma matrona e uma mocinha de notavel formosura, trajando ambas com a maior simplicidade.

Erão Angela Nunes e sua filha Annita.

Esta appareição repentina de uma belleza incognita, entre os grupos de rapazes, causou sensação.

Aquelles olhinhos negros de Annita tão brillantes e seductores, atiravão chispas que ião bulhar no mais gelido coração; não havia peito que não estremecesse a seus olhares.

O seu rosto moreno avelludado como um pecego nacarado na madurez que desabrocha, suavemente desbotado pelo correr das lagrimas, tinha aquelle sympathico encanto da pallidez, que affeição e enleva.

Da volta da estrada surgiu em direcção ao plaino das carreiras um elegante carrinho governado de cordão.

Puchavão-n'o dois alazões robustos e gordos que bem denotavão trato de estribaria. Vinhão trotando no macio tom de passeio.

— Sabes quem vem lá?

— De quem é aquelle carro?

È pelos olhares se interrogavão os concorrentes.

A curiosidade geral cahia sobre o carrinho. Era um motivo de surpresa no Arroio Grande, onde só appareião carretas e carroças; onde a carretinha era o mais aristocratico vehiculo.

Annita, que desde que chegava buscava descobrir entre a multidão Leonel; Annita, que já desanimada de tornar a encontral-o, o buscava sem esperanza, — machinalmente, acompanhando o movimento das cabeças lançou um olhar semi-apagado no carrinho. Elle vinha cruzando a multidão.

Governava-o um moço esbelto e moreno, de feições vitis, barbas e cabellos negros. Trajava com aprimorada elegancia. A seu lado sentava-se uma moça loura, de rosto arredondado, levemente colorido, vestida de velludo azul-negro, com uma rosa escarlate e grande, de petalas avelludadas presa no cabello.

Que par gentil!

O carrinho se approximava e Annita estremecia.

Sobre a vista ondeava-lhe uma turvação, que só através uma nuvem deixava-lhe entrever os objectos.

— Porque sinto em mim esta desusada commoção? interrogava-se a menina.

— Olha, aquelle é Leonel Gonçalves! dizia a outro, um moço de Jaguarão; e que bom gosto que teve o patife! retrucava-lhe lançando um olhar cubiçoso sobre a moça do carrinho.

Annita sentia-se sem pinga de sangue: todo elle affluira-lhe ao coração. Sen corpo gélido tornava-se de uma pallidez marmorea.

— Só nas mãos de um anjo tão bello pôde um homem comprometter a sua liberdade; só aos grillhões de braços tão formosos entregar-se escravidado, dizia a um sujeito alto, picado de be-xigas, o Bento Ramires, casquilho de Pelotas que ali se achava, como em todas as folias de que tinha noticia.

N'esse momento o carro fronteava o grupo em que Annita se achava. Ella vio Leonel, reconheceu-o bem, segredando ternamente ao ouvido de sua mulher Pepita Avellaneda.

Annita asphixiada de dôr, com a cabeça atordoada na visão atterradoradora, quedou-se immovel, não pôde dar um passo.

Uma roda da carruagem passou rente a ella; quasi que a magoou. Leonel sem olhar para os lados deu uma chicotada nos cavallo, que dando um arranco, sahirão a trote largo.

Voltando a si do pasmo, Annita debulhada em lagrimas atirou-se aos braços de sua mãe com a voz entrecortada pelos soluços, embargada pela dôr, apenas pôde dizer: Mãe... vamo-nos embora!...

Vai misera desherdada de teu sonho de amor primeiro! vai derramar sobre os sorrisos de esperanças que desfolhaste em quadra mais ditosa, as lagrimas que desabrochão!

Vai gemer no cantinho em que brincaste, dizer ás florinhas os carmes de tuas desditas, á ellas que te ouvirão os edylios de felicidade.

Vai chorar com as juritys que á madrugada solução no campo da restinga. Junto do teu berço natalicio encontrarás o consolo á tua viuvez de affectos.

Menos aspera será a toga da desgraça em que tua alma-magoada sangra, Annita!...

Minha pobre Annita!...

## XV

### A LENDA

Dezembro ardente espojava-se voluptuosamente pelas campinas natalicias. Os passaros despertos do vibernal silencio da es-



tação selvagem, destrançavão da sua collecção de cantos harmonias inebriantes. Do gramado verde-luzente como um espelho de esmeralda, as flôres do calor despontavão como rubras estrellas d'uma phantasia oriental, n'um céu de verde-mar. O sol a pino, vermelho como uma fornalha incendiada, borboteava cascatas de luz e fogo, que no espaço se desfazião em rutilas chispas, e ião nas espalmadas folhas do postal despido da amarellidez do inverno ferir mil diamantinas scintillações.

Annita, porém, não fez como os pagos natalicios, em si mutação alguma. Sua alma tiritava dorida no lago das agonias, em que os seus sonhos de amor submergirão-se para sempre; seu seio sangrava nas fraguras da rocha da desdita, e como um bando funebre a esvoaçar sobre um cadaver, ante seu espirito pairavão suas illusões de amor finadas.

Na janellinha de seu quarto ella recostada mergulhava os olhinhos negros na penumbra ardente do horisonte infindo. Pela imaginação devassava essas espheras, livro aberto para a leitura de todos os sonhos, e lia n'elle capitulo por capitulo a historia singela de sua vida.

Esta lauda aqui reflectia as travessuras de sua innocente juventude, esta os seus candidos amores, e aquella o passado das suas desditas.

E' contemplando os céos que o infeliz deixa a imaginação boiar no mar de suas recordações do passado. E Annita deleitava-se em sentir esse doloroso prazer.

Através o seu véo de lagrimas via passar Leonel ao lado da moça loira das carreiras, e ella mais se doía vendo que a felicidade que a esperava outra d'ella se tinha apoderado; que Leonel não só se esquecera de suas juras, como tinha de todo rompido com as suas promessas do passado; como tinha tornado impossivel a realisação de seus sonhos de ventura.

Seu rosto moreninho com o deslizar do pranto consecutivamente tinha perdido o roseo esmalte avelludado que tão feiticciro o fazia, e tomado a mármorea pallidez d'uma estatua de mausoléo acontada pelas azas frigiditas das intemperies.

Em seus labios, onde o colibri do amor fazia a seus affagos o sorriso desabrochar, fabricará agora na hora dos pezares a phalena lúgubre o seu ninho em que a tristeza fatal se acalentava.

Pobre Annita! Pobre cherubim divino ralado de pezares!

Quebrou-se o cordel de teu collar de venturas e rolarão nas ondas de adversa ventania as suas perolas de esperanza...

Chora criança, chora, que nas lagrimas muita vez uma consolação depara-se; chora, que no pranto tens linitivo á dôr.

O ardor do sol estava em todo o seu rigor. A calma era in-

tensa; nem uma aragem fresca soprava; a atmosphera pezava como um pavilhão de chumbo.

De momentos a momentos uma baforada ardente como um resfolegar de volcão, em um sopro veloz, rebolcava-se pelas franças dos cachilhos estupefactos e passava...

Fazia-se profundo silencio e o ermo parecia bocejar de tédio semi-adormido no vago...

O ar abafava.

O gado esquivando-se ao mormaço abraçador ganhára no fundo das canchadas, em que os barrancos servem de ante-páras ao sol. Lá todo elle deitado mascava o pasto guardado no bucho.

De intersticios em intersticios ouvia-se meio esvahido ao longe o canto profetico das saracuras no açude.

A tempestade nas nuvens se acastellava.

Algun passaro açuriado de calor cortava os ares em busca do mais proximo capão.

E momentos havia em que a magestade do silencio senhoril campeava no ermo. Então nenhuma aragem fremia, nem a folhagem sequer movia-se; um insecto rasteiro não zumbia. Então n'esta solidão a natureza adormecida, que dir-se-ia morta, a transbordar de vida, tomava uma attitude imponente!...

O céu puro e transparente se dilatava de um azul profundo. A cupula luminosa aqui, lá, ao longe deixava-se estofar por alguma alvi-rosada nuvem.

O sol ardente como uma boca febril em que os beijos se apinhão, desfazia-se, doudo amante, em caricias luminosas no rosto das campinas.

Annita atravessou vagarosamente o terreiro da frente, e assentou-se á sombra dos umbús.

As flôres alvas como flocos de paina, e odoríferas como cachopas de manacás, esparramavão-se por baixo dos gigantes dos pagos natalicios.

Angela com aperto de coração via sua filha finar-se roida no seio pelo canero do amor infortunado.

A pobre mãe em silencio tambem dava vasão ás lagrimas. O punhal que feria a filha trespassava-lhe o coração, e ella chorava...

Com a mão na face e os olhos embebidos nos longes ondulantes, Annita scismava n'um scismar sem fim.

Continuava a calma intensa, o sol abrasador.

Angela achegou-se á filha. Com uma expressão de rosto dolorosa e uma caricia magoada murmurou estas palavras, *travadas* como a guabiroba machucada:

— Não estejas triste que tu me morres de tristeza minha pobre Annita. Não penses em Leonel: nunca devias ter n'elle pen-



sado. Ingrato que esqueceu no bolicio da cidade, nas campinas perdidas a filha do posteiro ! Não te afflijas, minha pobre Annita ; tu me morres de tristeza !

E a mãe apertando a filha entre os braços, derramou sobre ella lagrimas abundantes.

Por minutos ficarão assim cingidas.

O dia proseguia ardente ; e o sol abrasador. De intervallo em intervallo prolongado, ouvia-se do fundo da canhada repercutir nos ares o grito agudo do tacaan.

Depois nenhum rumor mais se ouvia.

De repente, ao longe um estampido como uma explosão terra-quea reboou, e o seu echo esvalhiou-se na distancia. Na extrema do horisonte via-se na athmosphera commovida, uma espiral vaporosa como uma tira de neblina rarefeita ao sol, aos ares ascender...

E a natureza de novo recahio na calma.

Annita com voz tremula interrogou : o que foi isto, mamãe ?

— A mãe do ouro que mudou-se

— A mãe do ouro ! que mudou-se ? ! . . .

— Sim, ella, que com suas riquezas mudou-se de lugar. A terra abre-se para ella sahir e tomar outro sitio mais avantajado...

— Quem é a mãe do ouro ?

— Uma mulher muito formosa que é dona de todos os meaes que ha debaixo da terra, dentro das pedras e dos arroios. É ella quem faz o ouro, quem fabrica a prata . . .

— Conte-me então a historia d'ella, mamãe.

— Pois ouve, minha filha.

« Já faz tanto tempo que isto succedeu ! . . . O teu avô, Silverio Nunes, que era paulista, quiz se estabelecer no continente. Elle tinha tropeado muito para Sorocaba, e com tanto trabalho chegou a juntar porção de meias doblas.

« Veio dar ahi nos *palmares*. Havia um ilhéu dono d'uma porção de datas de campo que tinha comprado, tudo, não sei se por duas doblas ou tres. . . Teu avô montava o seu cavallo de estimação, que era um sibruno guapo que nem o mais guapo. . .

« O ilhéu que não tinha em todas as suas tropilhas pingo mais lindo, pôz-se a cubiçar o sibruno de teu avô. Elle estava coberto de pratarias. Fez ao teu avô offerta para compral-o : elle não accitou.

« Mas o homem estava renitente.

« — Apois patricio, não lhe vendo o meu sibruno, mas troco, lhe disse meu pai, vendo que elle queria ser dono do cavallo. Troco por essa campanha que se estende desde a coxilha do guaraxaim até o arroio das capivaras

« — Pois está feito o negocio, retrucou-lhe o homem.

« E teu avô passou a ser estancieiro.

« Havia aggregada á estancia uma china com uma porção de filhos e uma filha quasi mocinha. A china era uma mulher trabalhadeira que não podia estar debalde. Por detraz dos arranchamentos corria uma sanga por cima de pedras entre uns barrancos cobertos de matinhos de pitangueiras.

« No terreno entre a sanga e os arranchamentos fez-se um cercado de fachina trançada. A china trazia-o sempre plantado. N'essa horta toda a hortaliça se encontrava : nada faltava . . .

« No fim d'ella havia para a sanga uma descida n'um lageado nú e liso ; o lageado descalhia suavemente para o arroio. Aos lados havia porção de pedras, umas deitadas, outras de pé, e entre ellas appareição reboleiras de urumbebas e mandacurús, e infinita vegetação rasteira. Os maracujazeiros se enredavão em todo o sentido por cima d'ellas.

« A borda da sanga meio dentro d'agua havia uma pedra quadrada vestida de macio musgo, e mais á direita, dois renques de rochas, perdião-se no bosque. As trepadeiras enlaçadas, d'um lado a outro estendidas, fazião ahi, impenetravel sombra.

« Desde certo tempo começou a china a notar grande estrago da noite para o dia na sua plantação ; aqui as alfaces destruchadas, ali o feijão machucado.

« Cousa singular : nem o feijão era comido, nem a alface tão pouco ; mas reconhecia-se as vagens chochas, por lhe terem absorvido o suco ; via-se que os talos tenros da alface havião sido chupados.

« A boa mulher buscou embalde a explicação d'este mysterio ; pôz-se de noite á espreita : e nunca vio nada de suspeito.

« Uma noite . . . Era n'uma linda noite de verão. O páo de cachimbo cobria-se de esplendidos buquês de flôres, e orlava o matinho de alvissimas ondas amplas e odoríferas ; por sobre o campo arrastava a brisa frouxa, a essencia predilecta da marimal. A campina coalhava-se de scintillações ; estrellas sem orbitas a roçarem no plaino, dos vagalumes, como uma praga, as constellações erravão. No verde-mar infinito dos campos julgar-se-ião ardentias fluctuando nas espumas erradias. A filha da china descuidosa atravessou a horta.

« Ao frontear o lageado olhou para a sanga. Asphixiada de pasmo não deu um passo ! . . .

« Uma moça lindissima, nuasinha estava assentada sobre a pedra. A sua pelle alvissima, setinosa, tinha ondeações brillantes e reflexos dourados : uma nuvem de cabellos d'ouro lhe desabava sobre o collo ; os olhos, esses não tinhão côr, porque crão dois centros de fulgôres.

« A menina enleuada e cheia de susto não atinava como fugir. . .

« Ia a disparar, quando a moça dando pela sua presença lhe dirigio a palavra, e pedio-lhe que não fugisse; dissuadio-a de seus temores com voz convincente, que a menina ficou fascinada. Então a filha da china fallou-lhe com toda a confiança.

« Quando separarão-se, a moça lhe pedio de vir visital-a na noite seguinte, e que lhe troucesse um pente de cabellos.

« Quando no outro dia anoiteceu já a chininha estava na horta.

« A brincar com a agua que marulhava ao redor da pedra, estava a moça quando ella chegou.

« Por muito tempo conversarão. A chininha ouvia com volubilidade a moça descrever-lhe maravilhas de reinos desconhecidos, que existem debaixo da terra: extasiada ouvia a sua voz de condão irresistivel accender-lhe n'alma mil desejos de uma vida diversa

« A lua já ia alta. A chininha fascinada pela irresistivel creatura fez pacto com ella e prometteu acompanhal-a.

« A moça de repente levantou-se: erão horas. Abraçou-a e disse-lhe que d'ahi a cinco dias, ás mesmas horas ella a esperasse n'esse lugar. Recommendo-lhe segredo inviolavel, que a ninguem revelasse essas entrevistas, que a ninguem deixasse perceber o que tinha visto. . .

« A' beira da sanga abaixou-se. Aos raios de prata da lua o seu corpo dourava-se de mil fulgores. Levantou-se trazendo na mão uma concha de marisco parda-furta-côr: depositou-a nas mãos da chininha admirada :

« — Recebe este mimo que dá-te a mãe do ouro.

« As duas conchas do marisco entreabrirão-se: a chininha deslumbrada vio dentro o ouro cascadear em ondas.

« N'esse momento surdo rumor perpassou, e um estampido se ouviu ao longe; o ar estremeceu.

« A mãe do ouro tinha desaparecido.

« Quando ella deú accordo de si estava sósinha.

« Deitou a correr depressa para a casa.

« No caminho as conchas entreabrirão-se: o ouro espumava em ondas. A menina deslumbrada as fitava louca de prazer; no auge da alegria não pôde conter-se; a correr gritava: mamã, venha vêr, venha vêr que cousa linda! venha vêr o presente que deu-me a mãe do ouro.

« Quando pronunciou estas palavras revelladoras, como por encanto a dobradiça da concha partio-se, e uma metade cahio ao chão; outra ficou-lhe na mão: um bando de cobrinhas rolou. Déra-se a mudança do ouro em viboras.

« Uma cobrinha ficou-lhe enroscada no braço. Ella sacudio-o com doudo phrenesi. A cobrinha desenvencilhando-se, n'um prisco escorregou-lhe pela manga ao seio: mordeu-a no peito.

« Um gritinho de dôr e agonia foi repercutir no ouvido materno.

« A mãe veio encontrar a filha cahida; o rosto ficára-lhe livido esverdeado. Estava morta. »

Angela callou-se. Annita pela imaginação presencava o transe doloroso da chininha enleada pela cobra; pela imaginação assistia ao epilogo d'este trágico edylio.

Duas lagrimas ao longo dos cilios lhe rolavão. Serião de piedade pela victima ou d'um presentimento que esvoaçasse?

Subito ouviu zumbir sobre a sua cabeça um adejo sonoro de azas n'um esvoaçar cadenciado. Era o seu beija-flôr fugido nas horas deliciosas da ventura, que voltava á sua senhora nos momentos amargurados da desdita.

Lembrando-se dos instantes do passado em que nos labios rubros de Annita encontrava a doce refeição, elle agora ante seu rosto pairava: tinham já para elle seccado as caricias outr'ora desabrochadas.

No rosto empallidecido de sua senhora divisou-se tenue raio de alegria. O consocio de sua juventude, menos ingrato que aquelle por quem ella o esquecera, trazia á viuvez de sua alma recordação fiel de tempos idos. . .

E a visão de seu passado inteiro n'essa joiasinha reflectia-se, brilhante como uma chiméra divina.

Um esmigalhar de scentelhas diamantinas do astro rei arrufava-lhe a tunica verde-luzente da plumagem, e com louros toques de luz ateava-lhe na gargantilha rubra chamma, no seu collo a se enleiar.

Annita! minha pobre Annita! . . . Recordações de tempos idos, roseos devancios de ventura, sonhos, ditosos sonhos! . . . Quão depressa sois apagados pela esponja dos desenganos! . . .

VICTOR VALPIRIO.

(Continúa).

# AURELIA

---

**DRAMA EM I PROLOGO, 4 ACTOS E 5 QUADROS**

---

## PERSONAGENS DO PROLOGO

MARÇAL,  
AURELIA,  
DR. AUGUSTO,  
ATALIBA, }  
VIDAL,    } Estudantes de S. Paulo  
CUNHA,    }  
ALBERTO

Este quadro passa se n'uma estalagem, na estrada de S Paulo

## PROLOGO x

Uma estalagem. Ao fundo uma porta larga e uma janella; portas lateraes, havendo á direita uma janella. A scena começa ao anoitecer

### SCENA I

**Margal accendendo o candieiro. Aurelia recostada á janella da direita**

MAR. — Ha quasi uma hora que ahi estás, filhota! Em que

AUR. — Estava contemplando o crepusculo, meu pai...

MAR. — (*aproximando-se*) Bem triste hora, não te parece?... E' verdade, antes que escureça mais, quero mostrar-te uma cousa, que tenho ha tanto tempo nos sentidos para dizer-te... Não sei porque sempre me esqueço!...

AUR. — O que é, meu pai?

MAR. — Vês tu aquella laranjeira, ali perto do muro?

AUR. — Sim, estou vendo.

MAR. — Aposto que não adivinhas quando plantei-a?

AUR. (*pensando*) — Talvez... Em que tempo foi?

MAR. — Justamente no dia em que nasceste...

AUR. — Ha dezeseis annos.

MAR. — Quem dirá!... Já lá vão dezeseis annos!... E talvez não acredites: é a melhor laranjeira que tenho! — Olha ain-



da. Chega-te. filhota... Estás vendo acolá em baixo, perto do bananal uma outra laranjeira?

AUR. — Mal distingo...

MAR. — Aquella plantei-a eu tambem 8 dias depois que tua mãe morreu! Tinhas então 9 annos!... Lembras-te, Aurelia? Lembras-te de tua mãe?

AUR. — Poderia eu esquecer-a? Se me lembro!... Como se fosse agora tudo aquillo que passava então! (*enxuga o pranto*).

MAR. — Pois escuta. Quero que me confesses uma cousa em nome de tua querida mãe...

AUR. (*a parte*) — O que será, santo Deus!

MAR. — Tens muitas saudades de S. Paulo?

AUR. — Porque pergunta, meu pai.

MAR. — Porque isto não pôde continuar assim... Depois que vieste andas tão triste!... Eu sei, filha, tens razão; isto aqui é sempre o mesmo, e esta solidão devia aborrecer-te.

AUR. — Engana-se, meu pai, os melhores e mais felizes dias de minha vida passei-os aqui... Dias que nunca mais hão de voltar! Paginas do livro da infancia que o vendaval do infortunio despedaçou para sempre... (*Pausa*) Minha pobre mãe! (*Com voz dolorosa*).

MAR. — Não me enganes... Vives descontente... Quero que voltes para a cidade...

AUR. — Não, meu pai, nada me falta aqui ao seu lado.

MAR. — Faltão as tuas amigas do collegio, os passeios, a tua missa ao domingo, os teus vestidos de seda, os bailes; emfim eu sei cá, filhota. Se teu padrinho não te levasse para a cidade, não estranharias agora a casa paterna!...

AUR. — Está me affligindo...

MAR. — Valha-te Nossa Senhora, isto não é ralho... Oiha, queres tu saber uma cousa?

AUR. — O que será, meu pai?

MAR. — Aposto que deixaste algum namoro em S. Paulo.

AUR. — Digo-lhe que se engana.

MAR. — E eu que não. Leve-me o demo se não apostava todas aquellas moedas, em como o teu coração ficou em S. Paulo! Deí no vinte ou não deí? Ficou vermelha que nem uma cereja!

AUR. — Está enganado... que melhor companhia do que a sua!... Não supponha que tenho saudades de S. Paulo...

MAR. — Como disfarças! Deus queira que eu me engane, mas diz-me o coração que soffres, seja qual fôr o motivo. Não penses tu que sou tão estúpido como dizem. Quem é que não vê no teu semblante as tristezas que andão a consumir tua pobre alminha? Não, minha filha, não negues, soffres! Voltarás para a companhia de teus padrinhos...

AUR. — Nunca, meu pai, . . . é uma resolução inabalavel.

MAR. — E porque não me has de fazer a vontade? . . . Passarás comigo mais um mez e depois eu mesmo irei levar-te. . . Sim. Teu pai não te póde vêr assim triste que nem uma rolinha! . . . Mas porque choras tu? . . .

AUR. — Parece que me quer correr de casa. . .

MAR. — Valha-te a Senhora da Conceição, flôr d'este tronco carunchoso! Eu não te obrigo, filhota. . . O que eu não queria. . . (*Ouve-se trotar de cavallos*) Alguem se approxima. . . (*Indo á janella do fundo*) Ah! são os estudantes que estão em férias. . . (*com transporte*) Tomaramos nós cá o nosso Augusto! . . . Que dizes, filhota?! . . . Deixa-te estar que hei de fazel-o passar com-nosco uma semana! . . .

AUR. — Sim, por certo, meu pai. . . (*A parte*) Que supplicio, santo Deus! . . .

MAR. (*Sahindo*) — Deixe-me ir recebel os. . . (*fôra*) Pedro, ó Pedro!

UMA VOZ (*fôra*) — Aqui estou, prompto. (*Ouve-se a algazarra dos estudantes*).

AUR. — Valei-me, mãi santissima! (*Sahe*).

## SCENA II

**Ataliba, Vidal, Cunba e depois Marçal**

ATAL. — Puf! (*abrindo o relógio*) Quasi oito horas! Como me dôem estes ossos!

VID. (*espreguiçando-se*) — Que dôres, santo Deus! Parece que tenho a espinha dorçal fôra do lugar.

CUN. — Estou devêras fatigado.

MAR. (*entrando*) — Com effeito, os jumentos estão famintos!

VID. — Recommendo-lhe especialmente o meu Vinagre. . . Aquillo quando come é um abysmo!

MAR. — Ah! o burro de V. S. chama-se então. . .

VID. — Vinagre.

CUN. — Vinagre quer dizer agiota. . . (*suspirando*) Ai! o agiota!

ATAL. (*examinando as prateleiras de bebidas*) — Vejamos o que ha por aqui. . . Vocês o que bebem, o que comem rapazes? . . . Vamos, peção alguma cousa. . . Estou a morrer de sede.

MAR. — Se VV. SS. querem cerveja. . .



CUN. — Isso é peor do que agoa do pote.

VID. — Venha cerveja para um!

MAR. — Tenho superior... VV. SS. hão de vêr como é christalina!

ATAL. — E quanto antes, Sr. Marçal... Uma das obras de misericordia é dar de beber a quem tem sede como eu!

CUN. (*sentando-se á mesa*) — Eu prefiro Rheno... A cerveja tem propriedades... O' Vidal, quaes são as propriedades da cerveja?

MAR. (*despejando cerveja em dois copos*) — VV. SS. estão vendo a côr?!

ATAL. (*Sentando-se junto á mesa*) — E que aroma!... E' puro ambar!... Bifês para 6!

MAR. — Prompto, é já. (*gritando para fóra*) Bifes para seis, quanto antes.

CUN. — Eu prefiro Rheno, Sr. Marçal.

MAR. — V. S. quer então Rheno?... Sirvo-o já, meu doutor.

VID. — Eu bebo ao inventor da... Conheceu o inventor da polvora, Sr. Marçal?

MAR. — Não, senhor.

VID. — Eu tambem creio que não.

ATAL. — E eu bebo á extincção do agiota!

CUN. — Calai-vos loucos!... Brindemos ao amor!

ATAL. — E' mercadoria muito avariada.

VID. — Já não tem cotação na praça!

ATAL. — E os bifes?...

VID. — Apoiado. Fiambre, reclamamos a presença do fiambre! (*Marçal serve-os com presteza*).

CUN. — Ao amor que é o mysticismo da alma e á mulher que é a vida, a alma, o prodigio da creação!

ATAL. — A oitava maravilha!... (*para Vidal*) Que dizes, bicho?

CUN. — Ao amor que faz impallidecer a virgem e scismar o poeta; ao amor contemplativo e delirante como sentirão Werther, Romco e Miguel Angelo!... A' mulher pura e casta como Zuzana, bella como Sapho, pallida como as madonas de Phydias!

ATAL. E VID. (*tocando os copos*) — A' mulher e ao amor!

CUN. — Ah! ah! ah!!! eu prefiro fiambre, parvos!

CUN. — Concedem-me a palavra?

ATAL. — Pois não.

CUN. (*A' Marçal*) — Respetabilissimo senhor! O homem não é uma reunião de moltecúlas attrahidas ao acaso, na phrase petalogica e antirreptica de um naturalista dos tempos idos! Não, ser moral e pensante, a Divindade assoprou-lhe na frente a auréola da intelligencia!...

ATAL — Bonito.

MAR. (*A parte*) — Carreguem-me os demos se entendi...

VID. — Os bifos estão soberbos, magníficos!

CUN. — E elle, o que havia de fazer o homem? Pensou no grande problema do ser ou não ser: *to be or not to be!* Era a questão transcendente! (*Os estudantes disfarçáo o riso*).

MAR. (*A parte*) — Cada vez peor!

CUN. — Foi então que Sesostris conquistou a Ethiopia e os helenos lembrarão-se que nos vastissimos desertos do Saahra havia falta de agua e que as vinhas erão o grande problema do futuro... Descoberto o vinho estava dado o primeiro passo para a regeneração social!

VID. — Apoiadissimo.

CUN. — Na idade média, quando Carlos Magno foi coroado pelo Papa Leão III, o maior homem talvez d'aquelle tempo inventou o champagne, e o liquido brilhante espumou na taça dos Borgias!...

MAR. (*á parte*) — Parece um livro aberto o diabrete!

CUN. — Eú vou concluir, meus senhores... Depois de todas essas grandiosas invenções, a *omelette* surgiu á luz do dia! E sabeis o que é a *omelette*? Pois bem, eu peço um brinde á estas maravilhosas descobertas!... Ao champagne e á *omelette*!

TODOS — Ao champagne e á omelette!

CUN. — Omelette para seis!

MAR. (*A parte*) — O rapaz é intelligente! (*alto*) Mas o que quer dizer isso?

CUN. — Venha então o catalogo das bebidas!

MAR. — E' cousa que não ha n'esta casa, meu doutor.

CUN. — Reclamo a presença de mais duas garrafas do Rheino!

VID. — Tens razão... Deixemes a cýnica bebida para os pensadores da velha Germania.

ATAL. — Silencio espiritos de fogo!...

CUN. — Fóra o plagio.

VID. — Eú bebo á tua saude, Cunha; á saude das tuas amantes; ás tuas conquistas, Lovelace de S. Paulo!... Eu brindo aos teus versos que apaixonão a mulher e fazem pensar os maridos parvos e ciumentos!... (*com sorriso de ébrio*).

ATAL. (*Apontando para Vidal*). — Olhem que riso immoral... O teu estomago, desastrado, não vale uma moeda de cobre.

CUN. (*á Vidal*) — Comes como uma impingem!

VID. — Affianço-te que és um excellente garfo.

ATAL. — Eú proponho...

CUN. E VID. — Vejamos a asneira

VID. — Pela Virgem! Vamos, rapazes; bebamos ao menos uma vez... Felizmente os cathedrauticos não nos escutam... Bebamos! A poesia é a ebriedade dos sentidos, o esquecimento da vida com todo o seu cortejo de miserias! Enquanto não sentirmos no craneo um exercito de fuzileiros e as vertiginosas visões de sir John Falstaff... eu proponho: Capitulo I.

CUN. — O que?

ATAL. — Que pagues!

VID. — E' justo e não se admitte replica.

CUN. — Vocês não paixão de umas crianças, e valem menos que um cão da Terra Nova. Tenho a cabeça mais fria que um pedaço da Siberia!

UMA VOZ FORA — O' de casa! Marçal!...

CUN. — E' a voz de Augusto.

MAR. — Sim, é elle!..., (*Corre direito á porta*).

### SCENA III

#### Os mesmos e o Dr. Augusto

AUG. (*abraçando Marçal*) — 'Todos bons por aqui?

MAR. — Como Deus é servido...

AUG. (*aos estudantes*) — Quando chegarão?

CUN. — Ha uma hora e tanto.

ATAL. — E's servido?

AUG. — Agora.

MAR. — Como ficarão os paisinhos?

AUG. — Continuação bons, muito saudosos de Aurelia...

MAR. — A coitadinha anda tão triste que parte-se-me o coração de vê-la assim...

AUG. (*Disfarçando a agitação*) — Saudades.

MAR. — Fazem depois de amanhã tres mezes que a fillhota veio... Se eu acreditasse em feiticerias... Levem-me os demos com todos os diabos se não jurava que aquillo é volta de... O melhor é chamal-a e...

AUG. (*detendo-o*) — Deixe para depois... Não tem por ahi alguma cousa que se coma?... Sinto um regular appetite.

MAR. — Alguns minutos de espera; eu mesmo vou apromptar. Enquanto isso vá vêr a pequena.

AUG. — Pois sim.

MAR. (*em acto de sair*) — Em dez minutos tudo está prom-

pto... (*Detendo-se*) — É verdade, falta-me perguntar-lhe uma coisa... Vem ou não vem formado?

AUG. — Felizmente tomei o grão.

MAR. (*com effusão de alegria*) — Então consinta que estes braços que o embalarão tantas vezes o apertem!... (*abre-lhe os braços*).

AUG. — Porque não, Marçal. (*Abraço-se*).

CUN. (*para os companheiros*) — Que scena tocante. Estou meio commovido.

VID. — Tenho somno.

MAR. (*para os estudantes*) — Pois VV. SS. não sabem?... Eu lhes conto... (*apontando para Augusto*) Quero-lhe um bem como se fôra meu filho!... Elle que diga se não lembra-se do que eu lhe fazia, quando era assim pequenito. Pois já não se lembra quando trepava nos meus joelhos, sôr Augusto?... Todo o seu gosto era puxar-me as barbas, quando mettia as mãosinhas nas minhas algibeiras e não encontrava chelpa... Ah! ah! ah! Parece que estou a vê-lo, santo Deus!... Quando se fallava u'alguma briga de gallos, lá vinha elle: Marçal, tu me levas?... E eu não dizia nunca que não. Valha-me Nossa Senhora, parece que o estou vendo a bater palminhas de contente!...

AUG. — Tempos que se forão!

MAR. — E depois o menino era tão galante! Tinha os cabellos que parecião mesmo d'ouro e cada bochecha rosada... Porém agora o velho feitor está desprezado e o menino é um doutor!

CUN. — E os bifes para Augusto, Sr. Marçal?

MAR. — Com os demos!... Isto aprompta-se em 5 minutos. (*Vai a sahir e torna a voltar*) Ah! sim, quantos dias vem passar connosco?

AUG. — Apenas algumas horas. Seguimos amanhã para a côrte...

MAR. — Tão depressa!... E demora-se por lá?

AUG. — Um mez...

MAR. — Um mez?

CUN. (*baixo á Augusto*) — Esmicha-te para sempre o diabo!

MAR. (*sahindo*) — Já vou, já vou a correr.

SCENA IV

Os mesmos menos Marçal

VID. — Quanto antes ; o conde Úgolino não sentio mais torturas... Vamos vêr um quarto?

ATAL. E CEN. — Vamos. Até já, Augusto. (*Sahem*).

AUG. — Até já.

SCENA V

Dr. Augusto e depois Aurelia

AUG. — E porque vim aqui, se poderia evitar uma situação terrivel? Nem tenho animo de vê-la!... (*Senta-se e fica pensativo; depois de alguma pausa apparece Aurelia mostrando profunda agitação. Dirige-se á porta pela qual sahirão os estudantes e escuta. Os estudantes soltão altas risadas*).

AUR. (*com a voz soluçante*) — Escarnecem talvez de mim!... (*Dando com os olhos em Augusto*) — Ah!... (*Baixa os olhos*).

AUG. (*agitado*) — Como estás, Aurelia?

AUR. — Estou boa... (*Agitada*).

AUG. — Porque tremes? O que significa essa agitação?!

AUR. (*fitando-o com amor*) — E ainda pergunta? Ha desgraças que não encontrão resignação nas lagrimas!... Ai! Augusto, sou tão infeliz, que nem ousou levantar os olhos para meu pai!

AUG. (*impaciente*) — Fallaremos depois... teu pai não pôde demorar.

AUR. — Diga-me, Augusto, não recebeu duas cartas minhas?... Falle, responda, eu lhe supplico!... Uma palavra ao menos... Ah! emmudece?!... Então...

AUG. (*inquieta*) — A occasião é impropria... Alguem pôde escutar-nos facilmente...

AUR. — ● só Deus sabe o quanto tenho soffrido n'estes tres mezes que aqui eston!... Em toda a parte vejo a imagem de minha mãe banhada em prantos, apontando-me sem piedade o caminho do abandono e da miseria!... Nem sei como não tenho enlouquecido!... Sinto-me sem coragem, sinto aqui dentro uma solidão moral!

AUG. — Cala-te... Fallaremos depois... (*Do fundo apparece Alberto, que escuta, occultando-se*).

AUR. — Perdeste-me Augusto, estou perdida, comprehendes? Nem sei mesmo o que será de mim. O amor nos teus labios era o veneno que devia matar-me.

AUG. — Não, enganas-te, amo-te como sempre!

AUR. (*com odio*) — A traição é uma vilania! (*submissa*) Augusto, eu sei que vais partir, eu ouvi tudo, estava ali. (*Apartando*) Nunca mais nos tornaremos a vêr! O coração m'o diz e elle não se illude... Se partes, se me abandonas... (*voz comovida*).

AUG. — Que motivos tens para taes suspeitas?

AUR. — O motivo?! Pois não te diz a consciencia?!... Pois não te diz o teu amor que se extingue, e o esquecimento que ha de vir amanhã?!...

AUG. — Isto não tem lugar... Fallaremos d'aqui á pouco... Espera-me no teu quarto.

AUR. — Porque me fez acreditar nas suas palavras, nos seus juramentos, tornando-me cega e culpada?!... Se partires o que será de mim, Augusto?... Tenho medo de ficar aqui... Uma filha não pôde mentir á seu pai sem morrer de vergonha!

AUG. — Preciso ir á côrte, porém voltarei em menos de um mez...

AUR. — Não, não voltarás, Augusto... (*pausa*) Quem ha de proteger a mãe de teu filho, se a renegas?!... Aqui o sinto... aqui, aqui, Augusto!

AUG. (*inquieta*) — Cala-te, cala-te, por Deus!

AUR. — Piedade, eu te amo, Augusto.

AUG. — Queres então privar-me... (*Com grosseria*).

AUR. (*Fingindo-se resignada*) — Pois eu posso acaso privar-te? Ah! Deus de misericordia!

AUG. — Preciso ir, e nada me demove d'este proposito... Fallar-te-hei na minha volta...

AUR. — Pois bem, eu estou resignada... Veja, já nem choro... Pôde partir... Seria mesmo nma insania sacrificar o seu futuro e os seus titulos pelo nome de uma mulher, que a sociedade não conhece!... Fui uma louca; não medi a extensão do meu erro, como não calculei a extensão do meu amor!

AUG. (*disfarçando a emoção*) — E's uma criança.

AUR. — Pôde partir sem receio, não irei ao seu encontro... Que vale a honra de um homem, que ainda hontem era feitor de seu pai?! Cousa nenhuma, não é assim?... E' mais uma filha do povo, que importa!... Em paga da deshonra recebo a moeda da vergonha — o patrimonio de meu filho! (*sabe rapidamente*).

AUG. (*seguinto-a até á porta*) — Escuta-me, anjo!...



SCENA VI

Dr. Augusto, só

AUG. — Não sei o que hei de fazer .. Ah! occorre-me uma idéa feliz... Para grandes males, grandes remedios... Fugiremos, é o ultimo recurso... A' meia noite estaremos longe d'aqui... Felizmente tenho cavallos e é mister não perder tempo... (*Vai á sahir, porém encontra-se com Marçal*)

SCENA VII

Dr. Augusto e Marçal, que traz alguns pratos n'uma bandeija

MAR. (*collocando os pratos sobre a mesa*) — Tenha paciencia, se demorei-me; mas ha de gostar do petisco, que não faço para todas as boccas.

AUG. (*á parte*) — Importuno.

MAR. (*pondo uma garrafa de vinho na mesa*) — Quanto ao vinho é Porto fino. Quem sabe se prefere Setubal ou Lisboa?

AUG. (*preoccupado*) — E'-me indifferente... Porto ou Setubal...

MAR. (*á parte*) — Em que diabo estará elle ruminando?

AUG. (*sentando se á mesa*) — Tanto incommodo. Marçal.

MAR. — Incommodo nenhum.

AUG. — Acreditas que perdi o appetite? Não estou acostumado a comer á esta hora.

MAR. — Tudo está no principiar; dê-lhe p'ra frente sem medo. (*Pausa*) Já vio a filhota?

AUG. — Já.

MAR. — E como achou a pobresita? O que lhe disse ella?

AUG. — Fallamos em tudo...

MAR. — A coitadinha anda tão triste, que dá lastima.

AUG. — A cidade tem outros attractivos.

MAR. — No entretanto diz-me ella que não quer voltar mais. Que se lhe ha de fazer, é por gosto...

AUG. (*deitando vinho em dois copos*) — A' tua saude, Marçal; á saude de Aurelia! (*Toca-lhe no copo*).

MAR. (*commovido*) — A' saude dos paisinhos! (*Bebem*).

UMA VOZ (*fôra*) — Sr. Marçal!

MAR. — Os taes estudantes são uns diabretes levados da breca!

AUG. — Vai vêr o que elles querem.

A MESMA VOZ — Sr. Marçal, então, senhor...

MAR. (*sahindo*) — Já os acudo!

AUG. (*em acto de sahir*) — Tratemos de realisar o plano. O destino pertence á Satanaz! (*sahê*).

## SCENA VIII

### Alberto e depois Cunha

ALB. (*que ouviu as ultimas palavras do Dr. Augusto*) — O destino pertence á Satanaz!. (*pansa*) E quem pôde salvar-a senão tu, ó meu Deus?!

CUN. (*com enthusiasmo*) — Alberto!... Será possivel!

ALB. (*idem*) — Cunha! (*abração-se*).

CUN. — N'estas regiões!... Vens da côrte?

ALB. — E' verdade. Vou ter o prazer de abraçar a familia..

CUN. — Aproveitar as ferias... Sei que abandonaste os estudos... Foi pena.

ALB. — Fiquei sem recursos com a morte de meu pai.

CUN. — E o que fazes?

ALB. — Trabalho para mim e para a minha mãe, lutando sabe Deus como!... Vou agora á S. Paulo a chamado de meu tio. Não sei o que quer de mim... Pedi-lhe uma insignificante mesada para ajudar-me a concluir os estudos e negou-m'a. Que queres, os parentes são quasi sempre os mais indifferentes e inflexiveis. O que me tem valido, éa minha resignação evangelica. Felizmente minha pobre mãe contenta-se com o pouco que lhe dou e faz o que pôde. Bem sabes, ella já está velhinha e as forças começão a abandonal-a.

CUN. — Assim é. Ha quanto tempo que não vejo D. Maria!

ALB. — Vou ver S. Paulo pela vez primeira.

CUN. — E' uma terra monotona, não fazes idéa; morre-se de tedio ali.

ALB. — Conheces meu tio? Joaquim de Mello Camboeira?

CUN. — Se conheço! E' um famoso agiota. Ha tres annos que não muda de fato... O chapéo é um verdadeiro monumento archeologico. Tem visto não sei quantas gerações! Sabes quem está aqui? O Ataliba. Sempre o mesmo estouvado.



ALB. — Sempre jovial.

CUN. — Não ouves as gargalhadas? Ainda não perdeu o costume...

ALB. — Está na idade das alegrias...

CUN. — Não queres vir tomar um calix de cognac?

ALB. — Obrigado. Preciso escrever umas cartas e...

CUN. — Estou a roubar-te o tempo.

ALB. — Nunca

CUN. — E' cortezia de tua parte... Pois escreve e vem conversar um pouco. Até já.

ALB. — Até já. (*Cunha sahe*).

## SCENA IX

### Alberto e Marçal

MAR. (*com sorriso de ébrio*) — Quem diabo pôde com elles! O sôr Augusto fez-me beber demais... Ah! ah! ah!

ALB. (*á parte*) — Compreendo, atordoão-lhe os sentidos! (*Alto*) Pois é assim tão fraco, Sr. Marçal?

MAR. — Qual fraco, nem meio fraco... (*Deitando vinho n'um copo*) A' saúde do sôr Augusto, do meu querido... ah! ah! Pois V. S. não sabe? Com todos os demos!...

ALB. (*sentando-se*) — O que, Sr. Marçal?

MAR. (*cambaleando um pouco*) — Eu lhe conto. Vi-o assim (*indicando o tamanho*) pequenito. Era mesmo um anjinho!

ALB. — Quem?

MAR. — Quem ha de ser senão elle, o meu Dr. Augusto... Eu lhe conto... Quando eu cheguei ao Brazil, porque eu sou portuguez dos quatro costados como lá dizem, fui contratado para feitor de uma fazenda. Sem embargo accitei e carreguei a trouxa para S. Paulo. Adivinhe V. S. quem havia de ser o meu patrão? Justamente o pai do sôr Augusto... Tinha o menino então cinco annos...

ALB. (*á parte*) — Pobre velho!

MAR. — Durante muitos annos fui seu feitor, trabalhando dia e noite como um moiro... Cansado da vida, estabeleci esta estalagem. Casei-me e Deus levou-me logo a mulher que era uma santa! Tinha a minha filhota oito annos quando lhe morreu a mãe; então lá se foi para a companhia do padrinho que era o meu ex-patrão... Antes não n'a tivesse deixado ir, porque em-

fim, eu sei cá... A rapariga anda para ali enfeitçada e... levem-me os demos se aquillo não é volta de namoro.

ALB. — Talvez seja... E quanto tempo esteve ella na companhia do padrinho?

MAR. — Pois já não lhe disse? Desde que a mãe morreu. Comigo está ella ha 3 mezes e creio que não estará o quarto

ALB. — Porque, Sr. Marçal?

MAR. — Porque? Pois eu tenho coração para vê-la assim triste!... Eu sei cá... Tenho um pezo de duas arrobas aqui sobre o coração... (*Com transporte*) Mas o sôr Augusto! Aquillo é uma alminha comσ poucas, digo-lhe eu!... Quero-lhe um bem, como se fosse mesmo cá do sangue.

OS ESTUDANTES (*fôra*) — Sr. Marçal! ó Sr. Marçal!...

MAR. — Prompto!... Eu cá vou, desculpe-me... Não quer tomar café?

ALB. — Nada absolutamente, obrigado.

MAR. (*sahindo*) — Estes rapazes são peiores que o demo!

## SCENA X

Alberto, depois o Dr. Augusto

ALB. — Desgraçado!... Esse pezo que sentes sobre o teu pobre coração é o presentimento de um infortunio eterno! (*Pausa*) Almas insensíveis e miseráveis! Parece incrível tanta ingratição e perversidade!...

AUG. (*atravessando a scena da direita para a esquerda*) — São quasi horas... É um passo arriscado, porém inevitavel...

ALB. — E quem responde pelo futuro d'ella?

AUG. (*perturbado*) — Quem é o senhor?!

ALB. — Não se trata de mim agora... Sabe o que vai fazer?...

AUG. — Não o conheço para admittir...

ALB. — O senhor é infame e vil á toda a prova!...

AUG. (*com sarcasmo*) — Está por certo louco!

ALB. — Não lhe invejo a razão e nem os sentimentos!...

AUG. — Cuidado!

ALB. — O que fez do coração?... Está calcinado, dir-se-hia que polluo-se aos vinte annos! Ah! é incrível tão grande infâmia em tão verdes annos!... O senhor é uma creatura...

AUG. — Não me exaspere!

ALB. — O senhor é uma creatura desprezivel!... Acariciou

a victima, e depois que cevou o appetite selvagem vai despenhal-a no dedalo da miseria! Seduzio uma menina incauta e em troca de tanto affecto, aponta-lhe o caminho abrochado dos lupanares, a noite das agonias!

AUG. (*dando-lhe as costas*) — Ora...

ALB. -- E o que será d'aquelle pobre velho, cuja dedicação e confiança o senhor recompensa com o opprobrio e a deshonra?! Pois que! não lhe brada a consciencia, não se commove diante d'este quadro luctuoso?! O que será do antigo feitor de seu pai, quando amanhã chamar em vão pela filha querida, a sua unica alegria, o seu unico thesouro de felicidade?! Ah! o senhor é illustrado e não deve confundir-se com essa raça maldita que folga das miserias alheias!...

AUG. (*desesperado*) — A paciencia esgota-se...

ALB. — Por seu pai, senhor, por elle, compadeça-se d'aquella infeliz criança!... Seu padrinho a educou e o senhor amesquinha, prostitue a sua obra; seu pai ensinou-lhe a virtude, e o senhor abre-lhe de par em par as portas do vicio! O senhor que vai amanhã ser magistrado, não póde esquecer-se de Deus que é o supremo Juiz. Abandonal-a seria um novo crime, porque não é uma mãe que morre escrucuada; é um pai que assassina e foge cobardemente!

AUG. — Veja que me está offendendo!

ALB. — Salve-a, ampare a quéda de um anjo. Que mulher poderia o senhor encontrar ahi na terra mais digna e merecedora dos seus affectos? Fêl-a culpada, deve-lhe uma reparação.

AUG. — Estou cansado de ouvil-o.

ALB. — Seja pai e não algoz!...

AUG. — Respondo pelos meus actos.

ALB. — Pois bem, faça o que entender... Resta ainda a justiça de Deus! (*Sahe*).

## SCENA XI

**Dr. Augusto se**

AUG. (*consultando o relógio*) — Onze horas... (*olhando para os lados*) O momento é propicio, aproveitemol-o. (*Chega á janella e acena com o lenço*) Estão promptos os cavallos?

UMA VOZ — Já, sim senhor.

AUG. — Espera no lugar que te indiquei... Depressa! (*Sahe*).

SCENA XII

Marçal, depois o Dr. Augusto e Aurelia

MAR. (*completamente ébrio*) — Ah! ah! ah!... Onde estás filha... O' filh...ota... (*agarrando-se á mesa e cahindo sentado sobre o banco*) Aurelia, ó Aurelia... Ah! não respondes?... (*adormece pronunciando o nome da filha*).

AUG. (*conduzindo Aurelia pelo braço*) — Vamos...

AUR. (*Soluçando*) — Ir sem vê-lo... Deixar de vê-lo!... Onde estás, meu pai?!

AUG. (*Impellindo-a*) — Partamos sem demora...

AUR. (*Vendo o pai*) — Ah!... meu pai!... meu pai!

AUG. (*bruscamente*) — Queres-te perder?! (*Sahem. Ainda se ouve o soluçar de Aurelia quando Alberto apparece*).

ALB. (*apontando para a porta*) — Agora póde entrar o punhal do assassino por onde sahio o ladrão da honra.

FIM DO PROLOGO

ACTO I

Dr. Augusto

# FEITIÇO D'UNS BEIJUS

(ROMANCE)

## I

### O DEMONINHO DE UM X E UM PILOTO EM MINIATURA

MEU CARO.

Escrevo-te sob uma doce impressão.

E' um mysterio. Mas não um mysterio como o das malditas equações de varias incognitas, ou o calculo das radicaes, que para desgraça de minha patria, tem-me entorpecido as sãs faculdades da phantasia. Não, é um mimo, um poema do coração, que talvez um dia disponha em linhas medidas.

Foi hontem. Entrei á meia noite em casa, vindo d'uma serenata ao Menino Deus, de violão, flauta e o indispensavel cavaquinho. (E' preciso que saibas: sou louco pela lua, embora faça um frio de entanguecer o sol; por isso não repares nas serenatas d'um homem, cujos pais querem por força vê-lo mirando pelas pinnu-



las d'um graphometro, plantando bandeirolas aquem, além, e de cordel em punho )

O meu crioulo José apenas vio-me entrar correu a meu encontro com o rosto a scintillar de petulancia e inundado de seu eterno riso brejeiro.

Desconfiei.

— Que queres? interroguei, encrespando o sobrolho, como faço sempre para intimidar-o e mostrar severidade, inda que a maior parte das vezes ria-me interiormente das diabruras dô moleque e dos meus ares magistraes, que me fazem parecer a mim, o mais folgazão dos rapazes, uma especie de rabula na banca ou um senador na poltrona do patriotico parlamento.

— Nada, nhonhô... Eh! ia esquecendo! E bateu na testa com a mão espalmada. Troucerão para nhonhô um presentinho que faz vir agua á bocca.

— Quem?

— Eh! puna! Crioulinha linda como as estrellas do céu!

— E não disse ella o nome de quem a mandava!

— Não, nhonhô... Crioula viva como azougue! Muscou-se, deixando José em branco... Teve medo, José já estava com o olho grelado para ella.

— Basta, basta de tagarellice. Prepara o café. Bem quente; se trazes frio, levas com ellê pela cara.

Entrei no quarto.

Meu caro Albinó, imaginas acaso qual seria o presente?

Fiquei pasmo. Nada menos que um cartucho de beijús. Tratando logo de abril-o, deparei dentro com uma carta em papel velino, toda rescendente de jasmim. Eil-a textualmente:

ANDRÉ.

De certo não me conheces; mas eu te conheço. E' meu consolo, André. Vi-te e amo-te, quanto uma mulher pôde amar. Não ha um só dia, um só momento em que tua imagem aparte-se de mim, encarnou-se em meu ser. E' um pezadelo delicioso, uma alegria cheia de anciedade. Soffro refugiada n'um sentimento sem esperança e estou contente! Nem pergunto: Quando terá fim tudo isto?! Qual será o resultado de paixão tão singular?! Eu mesma não quero saber, porque te amo; amo-te muito é o que sei, é o que sinto e repito a toda a hora, é o que aspiro eternamente. Que importa o mundo bastante pequeno para conter a effusão de minha alma? Nem mesmo teus desprezos e indiferença conseguirião crestar a rosa divina que, a seus perfumes, me fez crer na vida.

Não tentes indagar quem sou. Seria em vão e talvez perigoso para ambos. Se fores capaz de corresponder-me, eis a minha divisa: Crer e esperar.

Seja também a tua, André. Adeus.

Tua *A.*

Pensei no caso, Albino, pensei muito. Inebriei-me no acontecimento, entretanto. Havia uma mulher vista apenas atravez de mysterioso velilho; uma mulher com todo o aroma da poesia, toda a febre da mocidade, todo o esplendor d'uma paixão.

No primeiro momento levantei um lindissimo castello sobre névoas, ataviei a minha invisivel amante com os predicados da terra mais os dos céos. Minha imaginação fluctuou no mar d'uma scisma doce, deslizou como o ingá que boia nas aguas serenas d'um rio, pairou n'um ambiente de perfume e bonança, como na hora da sésta a rosea plumula do colhereiro nos espaços do ar. Foi breve o sonho. Veio o sol da reflexão e desfez a bruma. Lá se foi meu castello! E ficarão de pé a encarar-me impertinente-mente as seguintes questões:

— Quem era a autora da carta?

— Era moça?

— Bella?

Eis o mais complexo e difficil problema, cuja solução tem posto a duros tratos meu pobre pensamento! Ó que de algum modo consolou-me, digo-te de passagem, foi o discriminar-se elle das despoticas mathematicas. Aqui vai-se do conhecido para o desconhecido; ali da treva d'um enigma para um mundo de luz.

Anciei, Albino, na laboriosa decifração, e cahi offegante e fraco na impossibilidade de conseguil-a.

O' como então desejei ser infinito para devassar a verdade que minha voz pedia a tudo: á terra e céos!

Como achei o homem pequeno! encontrando inextricaveis labyrinthos, onde talvez houvesse sómente uma alcova de moça! passando em revista uma galeria de bustos, quando ha uma imagem apenas!

Adeus. Fico embebido n'um maldito  $x$ , mais desapiedado e recalitrante que a pedra philosophal ou a quadratura do circulo,  $x$  perverso, porque tem prazer em minhas dôres, impassivel como uma estatua, fero como um tigre que regosija-se nas entranhas palpitantes da victima!

Se eu pudesse riscar todos os *xizes* que tem o mundo!..... Fôra mais feliz, te juro, que o poeta dos *Ciumes do Bardo*, com a sua não emparazada...

Meu amigo, lastima-me pois; exaspero e soffro sem lenitivo; o mal é sem remedio; sou o miseravel lúlbrio de incertezas e duvidas; não ha esperanças e corro sempre após a illusão que fascina, como o nauta após a *Fata Morgana*.

Eu amo aquella mulher!

Abstracção sublime, eu seria feliz, feliz a morrer de jubilo, se a visse, não nos vapores d'um crepusculo, sombra vacillante; porém em esplendida realisacão. O ideal em carne e osso.

Teu *André*.

### MEU ALBINO.

Como vão todos na estancia?

Como passa meu amavel pai, aliás damnado e insupportavel, quando lembra-se que seu filho André será um dia o piloto, (como lá chamão aos engenheiros e quaesquer outros medidores de terras) que ha de applicar a seus dominios os principios de agri-mensura.

Tu que és meu amigo, e espero serás em breve meu cunhado, vê se lhe tiras da cabeça semelhante monomania. Prova-lhe como bem te aprouver que não nasci para esta coisa que chamão mathematicas, mostra ainda os inconvenientes que provem do desvio das vocações, e como exemplo cheio de eloquencia traz a vida de Casimiro de Abreu, sua morte prematura, e carrega com minha licença o esfuminho. Não rias da exigencia. Meu pai está imbuído d'um erro a meu respeito, e, se sei quanto é difficil desencasquetal-o de uma opinião quando se lhe arraiga no craneo, não descreio comtudo dos felizes resultados d'uma catechése bem dirigida.

Não esmoreças, meu Albino.

Ainda hontem fui á aula e soffri tal descalabrò! « Oh! que não sei de nojo como o contê! »

Meu lente de mathematicas, com a figura angulosa capaz de aterrar um santo, ordenou-me que fosse á pedra. Obedeci; mas meu pensamento adejava por mundos ignotos.

— Sr. André, disse elle com ar obtuzo e olhar obliquo, calcule os angulos d'um triangulo, sendo dados os tres lados *a*, *b*, *c*.

Eu não sei como tomei o giz e fui traçando uma esphera... Andava tão longe da terra!

Chamou-mé á realidade o riso de meus condiscipulos, que cahio sobre mim como uma chuva de espheroides, pyramides, po-



lygonos et magna concomittante caterva... Fiquei estatelado como uma linha vertical.

O sorriso sardónico de meu mestre foi uma tangente dolorosa que roçou-me a orbita dos olhos. Parecia dizer-me : Sr. André, Sr. André, Sr. André, eis o resultado de sua vadiação !

E não tive animo para repellir a insinuação e ao menos bradar-lhe aos ouvidos : E' porque odeio de morte ao senhor e a toda esta geringonça !

Não tive ; aquella atmospherã matava-me ! Respirava-se ali só trigonometria, veneno que esteriliza a palavra, como a rozeta aos nossos campos.

Meu Albino, te concedo mais gostoso a mão de minha irmã, se consegues dissuadir ao cabeçudo de meu pai dos designios maledolos sobre mim. Avalio quanto é difficullosa a empreza, por isso mesmo minha gratidão será relativa. O velho é duro de queixo como um redomão em seus primeiros repasses ; comtudo não faltarão meios para demovel-o.

Diplômacia ! Diplômacia ! E levas de vencida o teimoso campeiro. Não façás, porém, como o nosso governo que despênde centenas de resmas de papel e milhares de contos em seus negocios internacionaes e por fim acaba sempre dando uma satisfação, resarcindo imaginarios prejuizos ou a braços com uma guerra ruinosa.

Se o conseguirés, dou-te trinta abraços e cem beijos, e antecipadamente convidô-te para assistires ao mais gracioso auto de fé que tenha assistido a christandade desde Torquemada.

Ha de ser uma folia como na noite de S. João ! Uma fogueira nutrida por Bezout, Bourdon, Vincent, Lacroix, Laloble, Ottoni, Avila e outros tantos inimigos de meus devaneios poeticos. . .

Desabafei afinal ! Apre ! Que eu tinha trezentas arrobas de chumbo dentro do peito. Uff !

Fallemos agora de minha bella incognita. Apesar de todas as indagações ainda não me foi possível descobrir o mais leve indicio a seu respeito. A's vezes vem-me ao pensamento, que talvez seja alguma moça da roça, pois não raramente viajo pelos arredores, em correrias anacreonticas. Tenho ido ás Pedras Brancas, Belém, Morretes, rio dos Sinos, Viamão, Aldeia e até ao Triunpho e S. Jeronymo. Ahi conheço tão interessantes meninas !. . . Porém, qual ? Eis a eterna pergunta que me faço a mim mesmo.

E porque não será alguma flôr perfumosa das margens do Guahyba !

O cartucho de beijús affasta-me tanto d'esta idéa, quanto a norma da mimosa cartinha me aproxima. Estou no equuleo da

duvida, como um misero prisioneiro estaqueado. Nem para um, nem para outro lado.

Vê se me soccorres lá dos teus pagos, meu dilectissimo Albino; pôde ser que tu, meditando friamente e fóra das circumstancias que me rodeião, sejas mais feliz. Na solidão dos infindos vargedos o espirito desdobra-se rapido e puro, o raciocinio é pronto e profundo.

Suspende um pouco o tiroteio com minha irmã, a qual presentemente deve estar linda como um anjo, e, por seus olhos tão negros, tão brilhantes, tão feiticeros, reconcentra-te e vê se me auxilias, estendendo a mão atravez as distancias. Ou então tu e Candóca, o que deve ser mais agradavel e commodo a ambos, lembrem-se do infeliz desterrado, pratiquem sobre seus infortunios e por ventura irão certos ao alvo que elle em vão procura ferir. Os namorados tem quasi sempre inspirações sublimes em suas horas de enlevo mystico. Façam, meus pombinhos, por mim o que o irmão auzente do lar não pôde fazel-o por vocês.

Passo-te procuração para dares um beijo (na tésta) a Candóca e quatro ou cinco abraços, o mesmo e de cinco a seis beliscões na Zezé, que não sei se, pondo o vestido comprido, deixou de ser a inquieta curruira dos meus bons tempos da estancia.

É ainda... nada, nada... não quero negocios com meu pai, emquanto não perder o vezo de querer-me de graphometro ás costas, como um d'esses gringos que percorrem as ruas, vociferando: Amollador! Amollador!

Adeus.

Teu *André*.

Postscripto. -- Não te esqueças de trabalhar pela minha exonerção da pilotagem. A ultima scena da academia fez-me andar de cara á banda, e sorumbatico como um caracará dezazado n'um pateo de gallinhas.

Foi mesmo uma vergonha! Depois d'aquelle dia nefasto, não caminho mais com o antigo recacho marcial; estou a vêr por toda a parte commentarios burlescos e bambochatas, onde o meu pobre ego representa o principal papel. Em cadá esquina parece-me vêr assim um como cartaz de circo ou de composições de Kemp, escripto em formosas lettras garrafaes, um debique, um epigramma illustrado! Em cada vulto, sorrisos equivocos, olhares desdenhosos, gestos trahidores! Não sei como ainda alguns dos meus inimigos gratuitos ou razoaveis (e não são poucos) não foi ao jornal estampar o occorrido em uma d'essas mofinas que

são peiores que um enxame de mangagabas para atormentarem a gente.

E soffra-se mudo e quêdo as exigencias importunas d'um pai!

Teu *André*.

## II

### CHICO CAIPORA

Postscripto de postscripto. — Como comecei a escrever tres dias antes da mala fechar, á proporção que os acontecimentos surgem, vou addicionando-lhe posdatas em *serie crescente*. (Entre parentese, meu fido Achates: eis de toda a barafunda e engorlada technica da sciencia de Pythagoras e Euclides, o que me vai ficando; um ou outro termo, uma ou outra phrase).

Não conheces um dos meus dedicados e sinceros amigos d'aqui e de fresca data.

Vou apresental-o.

E' o Sr. Chico Caipóra, nome pelo qual vulgarmente o conhecem, ou Francisco Vieira, pelo assento baptismal.

Sua idade: setenta annos.

Não encomprides os olhos, admirado da estreita alliança do passado com o presente, d'um moço de vinte annos com um dos Mathuzalens da cidade muito heroica e leal, segundo um decreto, por ter devorado como Saturno a seus proprios filhos. Deixemos, porém o *titulo honroso* de Porto Alegre, para reatarmos a historia.

Caipóra, epitheto popular, e por isso mesmo mais valioso do que as graças imperiaes. Não te rias, porque não conheces o que ha de grande e antigo, precioso e veneravel n'este alfarrabio vivo. E' uma reliquia dos bons tempos do espadim e calções Vale mais do que a nossa geração bastarda e indigna de pertencer á America.

Se eu te dissera que é tão joven, como eu, pelo coração, duvidarias, e máo grado teu é a verdade. Elle proprio julga-se no verdor dos annos e consagra odio figadal á velhice. Muitas vezes o tenho ouvido dizer com uma ingenuidade incrível:

— Duas coisas não posso supportar: cabellos brancos e catinga de zorrilho.

E no entretanto sua cabeça é alva como uma pasta de algodão, como um filhote de urubú!

Que queres? E' o fraco d'elle, menos censuravel que a pilotagem de meu pai.

A cauza do genio excentrico que o distingue, provém de lu-

gubres episodios da mocidade, bem como d'estes a origem do al-cunha.

Quando attingia aos vinte e cinco annos, o pai sem motivos apparentes e até hoje ignorados foi para o mato e se dependurou d'um cipó.

A mãe ao receber a noticia estava a fazer marmellada. O abalo foi tão energico como subito para a desventurada senhora, que tomada d'uma syncope cahio no tacho, e apezar de soccorros immediatos não foi possível salvá-la.

Francisco Vieira encetava o primeiro passo na senda de aziago destino. O primeiro dia de seu calendario negro fôra cheio. Não era nada ainda.

Ficára com uma bem regular fortuna para a época, fortuna que de boamente teria cedido em troca da existencia dos seus progenitores.

Era em 1815.

Moço, rico e d'uma belleza esfumada de tons melancolicos que a catastrophe domestica imprimira a seus traços, não havia familia, nem donzellas que o não procurassem como um dos melhores partidos.

Debalde fugia á requestação, por toda parte encontrava-a.

A perseguição tornou-se afinal tão feroz, que, para evital-a, barafustou por uma das estradas dos arredores e só tomou folego ao cahir nos braços d'um primo e amigo, honesto lavrador de Belém.

O terrivel fadario preparava-lhe assim uma nova cilada. E então foi irremediavel.

Antes do quinto mez de luto, as idéas de casamento semelhantes ao fervilhar de abelhas no cortiço, fizeram-lhe quebrar o voto de conservar-se por maistres annos solteiro. Amou Ignezita, a filha de seu primo Aguiar.

Ignezita ao contrario de quasi todas as outras do povo d'onde viera, fugia-lhe, e nunca houve occasião de acharem-se a sós, de trocarem sequer uma palavra de confidencia reciproca e de terno galanteio.

— Ella não me ama! Dizia Francisco comsigo, com o coração a estrebuxar de desespero.

— E chorava, conta elle ainda hoje, chorava! Abençoadas lagrimas!

Um dia resolveu tomar a praça de assalto, e de fazel-a capítular pela presteza do movimento. Engendrou mil planos engenhosos, os poz em pratica. A formosa virgem dos serros de Belém, instinctivamente fêl-os frustarem-se.

O que a intelligencia tentára sem resultado, o acaso o conseguiu.

Francisco caminhando machinalmente foi dar junto á fonte. Sentou-se á sombra de algumas aroeiras e d'um salgueiro, cuja folhagem merencoria condizia com o estado de sua alma. Ignezita pouco depois, sobraçando um balainho de roupa, sem perceber-o, pois tambem a distrahia alguma idéa intima, acercou-se das arvores e começou sua tarefa dô dia. A intervallos os braços mimosos da interessante menina paravão, e ella esquecida do trabalho engastava as pupillas azues no azul dos ares, e seus olhos e os céos confundião os mutuos reflexos.

Francisco junto, a contemplal-a, soffrendo com os pulsos vigorosos o arfar do peito, sobreesteve alguns quinze minutos, sem arrancal-as do extase.

Porém a paixão fallou mais alto que o temor e o revestio de insana bravura.

— Ignezita! murmurou elle.

Ella enristou o porte e ficou de pé como um estipite de jervá. Dir-se-ia que a vida lhe espasmára no seio.

— Ignezita! eu te amo... Consentirias em casar comigo?

A moça immovel e pallida ao principio ao refluir do sangue ao coração, logo depois sentio o talhe arquejar, a fronte enrubecer como as raras pitangas que já d'entre a rama destacavão ao raio do sol.

— E' a vida que eu te peço!

Com esforço inaudito, e a voz balbuciante só sussurrou:

— Falle a papai. E deitou a correr para a casa.

Ignezita amava-o.

Parecia que a nefanda sorte dava tregoa ás magoas de Francisco. Apenas negaceava-o.

Durante tres mezes passou a vida n'um elasterio intimo que abria de par em par as portas do futuro enramalhadas de rosas. Que sonho duradoiro! Como descobria diariamente novas virtudes e attrativos em Ignezita, cuja face dehiscia as petalas do pudor, a seu lado; cujo seio inflava aos suspiros e emoções suaves d'um sentimento que ella ignorava até então!

Erão felizes.

Porém o sonho esvaeceu á baforada do vento dos tumulcs. Na vespera do casamento a noiva cahio doente. Foi atacada de cezões. Pobre archanjo! Depereceu a olhos vistos e no fim d'uma semana estalou-lhe o estame melindroso da existencia. Partio para o céo, deixando Francisco engolfado n'uma agonia sem nome em linguagem humana. Ao deixar a terra, ella tomando-lhe da dextra, pronunciou com a voz entrecortada de soluços:

— Adeus, Chico! Deus sabe como te amei! E expirou.

Era a primeira e ultima confidencia que seu labio soltára n'uma melodia eólia.



Francisco, a quem julgarão endoidecer, depois de mais de anno voltou a si, e fiel á tumba da inditosa criança, amou a mais completa solidão. Tornou-se um monge na absoluta accepção do termo. E para que a fidelidade ao passado, flôr rarissima e de perfume ainda não menos raro, em nossos dias, mórmente em materia de crença, não fosse esteril, praticou a caridade. Do que possuía, hoje pouco já lhe resta.

Se algum mendigo pede-lhe esmola por amor de Deus, elle corrige-o, immediatamente: Pelo amor de Ignezita, irmão; foi ella quem tornou-me bom para com os homens, é ella quem dá-te isto. E entrega-lhe a esportula.

Ha quasi meio seculo que elle assiste a todos os casamentos das differentes freguezias de Porto Alegre.

Convidem-n'ó ou não, é o mesmo, Francisco anda fariscando e hão de vê-lo rente na occasião da solemnidade. Então que alegria exuberava de sua physionomia! Como remoça a fronte n'um brilho que só pertence á mocidade! Como palpita-lhe o coração com um vigor igual ao dos vinte annos! E' a suprema ventura para elle. Esfregando as mãos em intenso jubilo, exclama:

— Que par feliz! Como vão amar-se!

O bom velho não concebe que de cem matrimonios tira-se um que satisfaça o seu ideal.

Por seus desejos todos os moços e moças estarião casados. Eis em leve bosquejo o original que te apresento, Albino.

Como começarão nossas relações, é interessante.

Não ha muito esmurrei um patife, filho d'um taberneiro da rua Clara, visinho de Caipóra. Não sei ainda o que o rapaz lhe fizera para odial-o de morte, só sei que o facto fêl-o vir a meu encontro e abraçar-me phreneticamente. Pouco faltou para suffocar-me.

Ficamos d'então para cá como Damião e Phiutias.

Contando-lhe eu a historia do cartucho de beijús, a imaginação do velho exaltou-se e anda volitando por mil mundos de chimeras.

— Sr. André, é preciso casal-o. Vou tratar de descobrir o mysterio, e mais dia, menos dia, hei de acertar com a Ignezita da aventura.

E' bella e joven, creia-me. Jámais se vio uma mulher de cabellos brancos escrever assim?! E' um anjo.

Albino, com o meu novo auxiliar, dispenso de algum modo o sacrificio que ias fazer pensando em mim, quando a Candóquinha está a titillar-te o coração.

Adeus.

Teu André.

Continúa.

A' VENEZA<sup>1</sup>

I

Oh! perola da Italia! que surgiste  
Como Venus d'espuma alvinitente  
Sob um raio de sol!  
Tu que as brumas do norte dissipaste  
Turbando d'Albion o immenso brilho  
— Esplendido pharol!

Tu que ao vívido sol da liberdade,  
Soberana dos mares do occidente,  
Viste reis a teus pés,  
Escondes hoje a fronte doentia  
Nas dobras de teu manto de tristezas...  
Já rainha não és!

E deixas vêr na ruga do semblante  
Amarga exprobração... pobre captiva!  
Venderão-te talvez!  
Debalde fitas hoje os horisontes...  
A mesma natureza não te despe  
A immensa pallidez!

As ondas adriaticas, que outr'ora  
Por sob as arcarias murmuravão  
Sonatas festivaes,  
Ou deslizião-se agora tristemente,  
Ou envião ás auras que perpassão  
Estrophes funeraes!

O crystal das janellas não se doura  
Aos tremulos clarões dos « moccoleti »  
No doudo carnaval!  
As ondas não recebem no seu seio  
A offerta de amor do doge allivo:  
O annel nupcial!

O divino instrumento, audaz feitura  
Do sabio Stradivarius, já não vibra  
Melodias do céu!

De Marino Faliero a serenata  
(Não ouças, Donizetti!) jaz envolta  
Em somnolento véo!

Por noites de luar, as gondoleiras  
Não fazem resoar as barcarolas  
Nas aguas dos canaes!  
Extinguirão-se, as notas de Bellini...  
Amorosos desçantes ao relento  
Já não s'escutão mais!

II

Mas, formosa princeza! tens ainda  
Amuletos sagrados que te enxugão  
As lagrimas de dôr!  
Não se afundão no mar os monumentos,  
Legendas de um passado de grandezas,  
De seculos de valor!

Levanta-te do gelo que te esmaga!  
Como a estrella se despe de caligens,  
Mais bella brillharás!  
Da santa liberdade ao sol ardente  
Abre o seio gentil! que da peninsula  
Rainha então serás!

Desperta do marasmo sybaritico,  
Formosa « lazzaroni » que adormeces  
Em leito de crystal!  
Cinge a fronte dos louros do passado!  
Despedaça as cadêas que te prendem  
Ao carro triumphal!

Mas se as crenças perdeste do futuro,  
Se os grilhões de captiva já não pôdes  
A's aguas arrojjar,  
Como a bella poetisa lesbiana,  
Como estrella cadente de um céu puro,  
Sepulta-te no mar!

DAMASCENO VIEIRA.

Porto Alegre — Julho de 1873.

<sup>1</sup> Recitada por occasião do primeiro sarão litterario.



« Spare that tree!  
G. MORRIS. »

— Suspende, barbaro! Suspende o braço  
Não córtes d'um só golpe de machado  
A tradição, a gloria, a lenda altiva,  
O tronco até dos tempos respeitado.  
Assim ao capataz um moço brada,  
De indignação a voz entrecortada.

— O' para longe o gume iconoclasta!  
Para longe de mim! não quero vê-lo...  
Sinto a alma contristada retrahir-se,  
Sinto ainda banhada a fronte em gelo...  
E o olhar humectado de ternura  
Dos mais tenues raminhos se pendura.

— Herança de meus pais, arvore santa,  
Reliquia de meu lar, de meus amores,  
Sagrado monumento, a cuja sombra  
Veio o heróe gozar de teus frescores.  
Não tremeu-te ante a mão que o ferro vibra  
Do seio até a derradeira fibra?

— Que negra ingratidão, se ao chão tombasses!  
Que soluços, que pranto à dor não déras?  
Raizes, galhos, ramos e folhedo,  
Farião còro em maldições sinceras!  
Tu dirias, rolando a copa em terra:  
« Virtude antiga, um filho te desterra!

« E amei-os tanto, amei-os no passado,  
« Conservo d'elles a lembrança viva,  
« Das graves confidencias, da lhaneza,  
« Flôr que hoje a mocidade não cultivava.  
« Como o tempo mudou!? mudou-se tudo!  
« Ao Rio Grande fiel eu só não mudo!

« Vi do pai o transporte do homem livre,  
« E elle o era o valente guerrilheiro!  
« Ao vê-lo, minhas folhas palpitavão;  
« No busto refletia um povo inteiro.  
« Um dia, a sós, elle e outro aqui vierão,  
« Occultei-os e guardo o que disserão.

« Quanta gloria! que esse outro era o idolo,  
« O culto delirante das campanhas,  
« O chefe da facção, a cujo aceno  
« Movião-se planúras e montanhas.  
« O' talvez que a seu nome, tu me salves!  
« Seu nome, o mundo o diz.: Bento Gonçalves.

« Por teu pai, pelo heróe, por teus amores,  
« Que os vi nascer, crescer á minha sombra,

« Como nascem as plantas que protejo  
« Dos ardores estivos, n'esta alfombra ;  
« Poupa-me, é cedo ainda, ao tredo verme !  
« Não vês, ingrato, sou um ente inerme? »

— Não, tu não morrerás, emquanto, o juro,  
A virtude viçar, que a ti me liga ;  
Emquanto defender a liberdade,  
Viverás, de meus pais, ó nobre amiga.  
Se eu cahir, então sécca, a vida espasma,  
Da honra extincta serás o meu phantasma.

E do sol o ouro puro esmalta as franças,  
A renda esmeraldina da ramada,  
E a arvore balbucia doce murmure,  
Eólio canto ao nascer da madrugada.  
Forão intimas vozes, falla meiga,  
Que na cidade morre e brota a veiga.

IRIEMA.

---

## CANÇÃO DA FILHINHA

( MARIA IZABEL CALDRE E FIÃO )

Fu sou pombinha mimosa  
A jurity descuidosa  
Que leda esvoaça aqui,  
Sobre as campinas florentes  
Sobre as florestas virentes  
Das terras de Itapuhy.

Travessa como nos prados  
Sou da mãe-sinha os cuidados,  
Amores do rico pai ;  
Minha vida nos seus braços  
Corre livre de embaraços  
Como o vento que ali vai.

A brisa que encrespa o lago  
Dá-me á fronte em meigo asflago  
Pelas séstas do verão ;  
Nos ramos qu'ó ipé alonga  
Vem dar-me a branca araponga  
Sua vibrante canção.

Vivo na « quinta » entre flôres,  
Onde vejo os seus primores  
O colibri ostentar ;  
Da tarde ao canto do Anjo  
Vou nas azas d'um archanjo  
Do « Amparo » á Virgem rezar.

Vou ao domingo á capella  
Onde canto a « Maris Stella »  
Que minha mãe me ensinou,  
Ao meu Deus elevo a mente,  
Ainda tenho innocente  
O coração que lhe dou.

De meu pai recito os versos,  
Acompanho nos seus terços  
A gente de Itapuhy ;  
Gozamos doce abastança  
Brinca aqui « livre » a creança,  
E' « livre » o trabalho aqui.

Fu sou pombinha mimosa,  
Do futuro descuidosa,  
Porque vivô só d'amores ;  
No collo da mãe querida  
Me corre feliz a vida,  
Vivo na « quinta » entre flôres.

Fu sou pombinha mimosa,  
A jurity descuidosa  
Que leda esvoaça aqui ;  
O meu céo, a minha estrella  
Tudo aqui resume bella  
A terra de Itapuhy.

DR. VALLE CALDRE E FIÃO.

Quinta do « Amparo » na fazenda de Itapuhy, aos 28 de Junho de 1873.

Mais um busto na galeria do *Parthenon Litterario*; é o do illustre finado Dr. Felix da Cunha, cuja vida preciosa a mão da fatalidade ceifou prematuramente. Fizemos o que era possível para obtermos alguns apontamentos sobre sua vida, porém inutilmente; o nosso appello tem sido infructifero. Se a divida não está satisfeita, resta-nos comtudo a convicção de que mais tarde a sua biographia, escripta pela habil penna do Sr. Francisco Cunha, virá adornar as paginas da *Revista*.

— Das officinas do *Constitucional* sahio á lume a terceira edicção da arithmetica do Sr. Dr. J. T. de Souza Lobo. Como era de esperar o distincto mathematico aperfeicou o seu trabalho e hoje contão os collegios com um excellente compendio, bem como a instrucção publica, que devera quanto antes adoptal-o tambem nas aulas de 1º gráo.

— O Sr. Candido de Souza Rangel, depois de alguns annos de acurado labor, organisou e está imprimindo uma arithmetica destinada ao commercio.

Segundo temos ouvido de pessoas habilitadas, a arithmetica do Sr. Rangel é de um merito incontestavel.

— Felizmente a iniciativa particular em favor da instrucção publica vai-se tornando uma realidade entre nós; alguns cidadãos prestimosos fundarão na capital do imperio um curso nocturno de instrucção gratuita com o titulo — *Escola do povo*; no Maranhão, em S. Paulo e em outras provincias os espiritos patrioticos todos os dias contribuem com avultados donativos para a construcção de predios destinados á escolas publicas.

— LITTERATURA. — O Sr. B. L. Garnier acaba de publicar os seguintes romances: *Dacollar e Lubin*, em dois volumes; é ao mesmo tempo continuação e fim do *Matricida*; o primeiro tomo da *Guerra dos Mascates*, pelo distincto e fecundo escriptor J. de Alencar; *João de Thommeray*, de Jules Sandeau, traduzido por Salvador de Mendonça; os *Filhos do capitão Grant*, por Jules Verne.

— A distincta associação *Retiro litterario portuguez* festejou na noite de 5 do corrente o 14º anniversario de sua fundação. Saudamos cordialmente a nossa irmã de letras, almejando-lhe novos louros em sua missão patriotica.

— Na noite de 17 realizou o *Parthenon* o 1º saráo litterario, occupando a tribuna o socio Vasco de Araujo e Silva, que desenvolveu habilmente a sua prelecção sobre a educação das mãis de familia.

Diversas senhoras tomarão parte na nossa festa e alguns socios recitarão producções litterarias,